

## A PSICOLOGIA CLÍNICA REALIZADA EM LIBRAS

Dannilo Jorge Escorcio Halabe<sup>1</sup>  
Victor Khalyl Sales dos Santos<sup>2</sup>  
Camila Gonçalves Ribeiro<sup>3</sup>  
Lillian Raquel Braga Simões<sup>4</sup>  
Maria Tereza Ramos Vale Halabe<sup>5</sup>  
Cândida Helena Lopes Alves<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Doutor em Psicologia Clínica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP), Acadêmico do Curso de Medicina (Faculdade EDUFOR), São Luís - MA.

<sup>2</sup>Acadêmico do Curso de Psicologia (Faculdade EDUFOR), São Luís - MA.

<sup>3</sup>Mestra em Psicologia (Universidade Federal do Maranhão). Docente da Faculdade Edufor, São Luís - MA.

<sup>4</sup>Mestra em Educação (Universidade Estadual do Maranhão), Docente da Faculdade Edufor, São Luís - MA.

<sup>5</sup>Mestra em Direito (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS), São Luís - MA.

<sup>6</sup>Pós-doutorado em Saúde Mental (Universidade Católica de Brasília), Docente da Faculdade Edufor, São Luís - MA.

Recebido em: 10/05/2024 - Aprovado em: 31/05/2024 - Publicado em: 21/06/2024

### RESUMO

**Introdução:** O atendimento psicológico pressupõe a interação entre o terapeuta e o cliente através de um canal de comunicação em que a escuta possa advir. Analisando os casos na literatura especializada de pacientes com surdez total que utilizam a leitura orofacial, a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a fala para se comunicar percebemos que os psicólogos se apoiam na linguagem oral para realizar o atendimento.

**Objetivo:** Discutir as formas de psicoterapia com os surdos em LIBRAS, uma vez que a língua visual-espacial possibilita uma melhor expressão de seus sentimentos, sendo mais natural para eles e comportando toda expressão de gírias e metáforas, tal qual o português falado. **Material e Métodos:** Pesquisa Clínica realizada inicialmente a título de doutorado em psicologia clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa no CAAE nº 40931814.8.0000.5482. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2013-2018, com entrevistas em LIBRAS com indivíduos surdos e revisão da literatura de língua inglesa e francesa, avaliando as variações das técnicas de avaliação psicológica e modificações no método.

**Resultados:** Apresenta uma crítica dos casos atendidos por psicólogos de pacientes surdos, a partir de um viés da Comunicação Total. Apresenta uma psicoterapia bilíngue, revelando as estratégias e as problemáticas a serem enfrentadas pelos psicólogos, para incluir os surdos e a sua cultura, permitindo o desenho universal da psicologia clínica. **Conclusão:** A psicologia clínica necessita de uma proposta de inclusão que considere as diferenças em seu desenvolvimento, na formação de sua personalidade e nas eventuais psicopatologias. A formação de psicólogos capacitados em LIBRAS, surdos ou ouvintes, bem como ampliar o número de pesquisas voltadas para esta população é essencial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Clínica. Surdez. LIBRAS. Inclusão.

## Clinical psychology carried out in libras

### ABSTRACT

**Introduction:** Psychological care presupposes interaction between the therapist and the client through a communication channel in which listening can take place. Analyzing the cases in the specialized literature of patients with total deafness who use orofacial reading, Brazilian sign language (LIBRAS) and speech to communicate and speech to communicate, we realize that psychologists rely on oral language to provide care. **Objective:** To discuss the forms of psychotherapy with deaf people in LIBRAS, since the visual-spatial language allows for a better expression of their feelings, being more natural for them. of their feelings, being more natural for them and including all expressions of slang and metaphors, just like spoken Portuguese. **Material and Methods:** Clinical research initially carried out as part of a doctorate in clinical psychology at the Pontifical Catholic University of São Paulo, approved by the by the Research Ethics Committee CAAE No. 40931814.8.0000.5482. The research was carried out between 2013-2018, with interviews in LIBRAS with deaf individuals and a review of the English and French language literature, evaluating the variations in psychological assessment techniques and modifications to the method. **Results:** It presents a critique of the cases attended by psychologists and psychoanalysts of deaf patients, from a Total Communication perspective. It presents a bilingual psychotherapy, revealing the strategies and problems to be faced by psychologists in order to include deaf people and their culture, allowing for the universal design of clinical psychology. **Conclusion:** Clinical psychology needs a proposal for inclusion that considers the differences in their development, personality formation and possible psychopathologies. It is essential to train psychologists trained in LIBRAS, whether they are deaf or hearing, and to increase the number of research studies aimed at this population.

**Keywords:** Clinical psychology. Deafness. LIBRAS. Inclusion.

### INTRODUÇÃO

A proposta apresentada neste artigo é analisar como se operam os elementos da clínica psicológica, incluindo a concepção psicanalítica, que é a fundadora do método clínico de psicoterapia, em relação aos indivíduos que apresentam um déficit auditivo bilateral severo ou profundo (Davis; Silverman, 1978) desde o nascimento. Faz-se referência aos sujeitos que por conta da surdez também apresentam um comprometimento na fala e necessitam da língua de sinais (ou língua gestual) para se comunicarem. Não se indica com esta definição, que todos os surdos sejam mudos, conforme preconceito de décadas atrás, mas que sem a base auditiva, não conseguem naturalmente desenvolver a fala. A problemática imposta consiste na falta de fundamentos dentro do campo da psicologia clínica, principalmente diante do silêncio teórico sobre o assunto dos autores clássicos como Sigmund Freud e Jacques Lacan, para o atendimento clínico desses sujeitos, além de outras dificuldades para condução do tratamento quando os psicoterapeutas não utilizam a língua de sinais.

Analisando a constituição do método psicanalítico com Freud, inicialmente através do tratamento da neurose histérica, perceberemos que está orientado para a “cura pela fala”, expressão utilizada pela paciente Anna O. durante sua análise, para designar o alívio que ela sentia ao descarregar através da fala toda “carga de produtos imaginativos que ela havia acumulado” (Freud, 1893, p.65).

Especificando para área da psicologia clínica de abordagem psicanalítica, entende-se que os elementos centrais se relacionam ao conceito de inconsciente, da transferência, da associação livre e dos sonhos, e que estes são expressos pela fala do sujeito durante o tratamento; todavia há poucos estudos que comprovem que poderiam ser interpretados a partir da língua de sinais. E mesmo que se suponha haver correspondência entre estas duas formas de linguagem, uma oral e outra espaço-visual, restaria responder às questões

# REVISTA CIÊNCIA & CONTEMPORANEIDADE

Revista Eletrônica Multidisciplinar da Faculdade Edufor

correspondentes ao manejo da análise de pacientes surdos, tais como a marcação da “escuta” e a utilização do divã, já que para a interação na língua de sinais, o receptor deve também observar as expressões faciais do emissor, inviabilizando assim o papel do referido instrumento.

Outra problemática surge ao se considerar a releitura da obra freudiana realizada por Jacques Lacan, pois ele utiliza também os elementos da linguística de Ferdinand de Saussure para montar seu sistema. Segundo Lacan, em psicanálise se opera com os significantes durante a análise clínica, já que são estes os elementos que fazem parte da constituição do sujeito e estruturam o inconsciente. Para o autor, “reconduzir a experiência psicanalítica à fala e linguagem, como seus fundamentos, interessa sua técnica” (Lacan, 1998, p.290).

Neste ponto, percebemos em suas ideias a prevalência da fala, da oralidade, da fonética e em muitos pontos de sua teoria ele nomeia o indivíduo como sujeito falante, demonstrando essa ligação entre linguagem falada e inconsciente. Na constituição do sujeito, para Lacan, o papel do significante é central, em sua releitura do Complexo de Édipo (Freud) através do Nome-do-pai, colocando neste elemento a função de castração que insere o sujeito falante na cultura.

Seguindo as ideias de Saussure, a psicanálise lacaniana analisa o signo linguístico como um conceito e uma imagem acústica (significado e significante). O significante, que é a imagem acústica ou a “impressão psíquica” do som, pode ser compreendido melhor quando percebemos que mesmo “sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (Saussure, 2006, p.80). Com isso, mesmo que Saussure faça a distinção, didaticamente, entre a imagem acústica de seu correlato pela ação das cordas vocais (o fonema), mais do que na vertente freudiana, a psicanálise lacaniana parece não abrir espaço para a compreensão dos indivíduos surdos.

A psicologia clínica, de base psicanalítica ou não, que sempre foi uma área da psicologia que manteve articulação com outros campos e que sempre auxiliou a pensar os objetos de estudos de outras áreas como a pedagogia e a sociologia parece não ter alcançado uma parcela significativa da população. Para estas pessoas, a psicologia ainda não possui uma compreensão de como utilizar seus métodos clínicos que permitam ao sujeito surdo expressar suas angústias, sofrimentos e desejos.

Os surdos que se expressam pela língua de sinais, não tendo acesso facilitado à cultura dos falantes, acabam formando subgrupos apenas com as pessoas que compreendem a sua língua, neste caso outros indivíduos surdos e uma pequena parcela de pessoas que, em suas atividades profissionais ou pessoais, sentiram a necessidade de estudar a língua de sinais.

Você fica fora da conversa à mesa do jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente-se ansiosa por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende nem se importa. [...] Não lhe é concedida sequer a ilusão de participação. [...] Espera-se que você passe quinze anos na camisa-de-força do treinamento da fala e da leitura de lábios... seus pais nunca se incomodaram em empenhar uma hora por dia para aprender a linguagem de sinais ou alguma parte dela. Uma hora em vinte e quatro que podem mudar uma vida inteira para você (Sacks, 1990, p.136).

Ressaltamos, em defesa da língua de sinais para esses indivíduos, o que Limongi (2003) afirma, ao considerar que a língua comum entre os surdos se torna o agente de coesão da comunidade e confere aos indivíduos identidade. Assim, como ocorre na língua oral para as crianças ouvintes, as línguas de sinais promovem um aprendizado e uma

percepção de mundo mais natural aos surdos, a partir do momento em que os sujeitos são expostos a ela.

Através desses elementos, a pesquisa que gerou este artigo visou analisar as variações na estrutura conceitual e metodológica da psicologia clínica, a partir da ideia de que a língua de sinais, apesar de carecer de expressão fonética, apresenta características que permitem a inserção dos surdos na cultura, tal qual ocorre com a língua oral e os sujeitos falantes que a psicologia estuda. Entende-se que a psicologia clínica é fundamentada na concepção de cura pela fala, desenvolvida por diversas abordagens psicológicas, e uma escuta especializada. Entretanto, o que se destaca neste artigo é a capacidade da psicologia clínica - e sua base na psicologia do desenvolvimento, psicopatologia, processos psicológicos etc. - de fundamentar intervenções com clientes surdos profundos, natissurdos e bilaterais, que não tem registro de som em sua psiquê.

Para realizar este estudo, tornou-se imprescindível a imersão na LIBRAS, objetivando trazer para a clínica psicológica os ricos discursos destes sujeitos que sinalizam para se expressar e que não tem encontrado no psicoterapeuta uma “escuta”. Esse estudo é imprescindível, porque é a língua de sinais e não a língua oral que organiza esses sujeitos, como exposto no livro autobiográfico da atriz francesa surda Emmanuelle Laborrit:

Desde a minha infância que considere as palavras como uma coisa bizarra. E digo bizarra pelo que inicialmente continham de estranho. O que queria dizer aquela mímica das pessoas à minha volta, com a boca num círculo ou esticada em diferentes caretas, os lábios formando trejeitos esquisitos? [...] Quando eu tentava reproduzir a sua mímica como um macaquinho de imitação, continuavam a não ser palavras, mas letras visuais. [...] O meu francês é um pouco liceal, como uma língua estrangeira que se aprendeu separada da sua cultura. A linguagem gestual é a minha verdadeira cultura. O francês tem o mérito de descrever objectivamente o que pretendo exprimir. O gesto, esta dança de palavras no espaço, é a minha sensibilidade, a minha poesia, o meu eu íntimo, o meu verdadeiro estilo. Ambos em conjunto permitiram-me escrever este relato da minha jovem existência em algumas páginas (Laborrit, 2000, p.9-10).

A sociedade não está preparada para receber o indivíduo surdo, não lhe oferecendo condições para que se desenvolva e consolide sua linguagem. Sendo assim, devemos depreciar relatos que afirmam ser a surdez causadora de limitações cognitivas e afetivas, pois a verdadeira limitação está nas condições oferecidas a esse sujeito surdo (Caporali; Dizeu, 2005, p.587).

A criança ouvinte desde seu nascimento é exposta à língua oral; dessa forma, é fornecida a ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para desenvolver o objeto deste estudo, os conceitos e os métodos da psicologia clínica para o atendimento de indivíduos surdos que fazem uso da LIBRAS, adotou-se a pesquisa de campo com um enfoque qualitativo, que segundo Marconi e Lakatos (2022) visa conseguir mais informações e conhecimentos sobre determinado fenômeno. Tal enfoque é imprescindível em ciências humanas, pois é nesta abertura que estabelece a compreensão do fenômeno, sem tentar limitá-lo a uma explicação lógico-estatística.

Neste sentido, delineando os elementos básicos da pesquisa, os sujeitos desta são os indivíduos com perda auditiva bilateral severa ou profunda desde o nascimento (natissurdos), ou com identidade surda, que utilizam a língua brasileira de sinais (LIBRAS)

como sua forma de expressão. Os demais sujeitos que possuem um grau de perda auditiva menor e que utilizam aparelho auditivo não foram analisados, pois interessa saber do desenvolvimento psíquico que não é marcado no aspecto fonético. É importante destacar que a pesquisa foi desenvolvida apenas com surdos jovens adultos, maiores de idade, e adultos. A pesquisa original foi realizada a título de doutorado em psicologia clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, Parecer n. 1.188.015/2015 e CAAE nº 40931814.8.0000.5482.

Mediante o exposto, compreende-se que a comunicação na educação formal e não formal requer espaços, comunicadores e atividades específicas. A comunicação na ciência formal é altamente regulada pelas necessidades e propósitos de pesquisa das instituições de ensino superior.

Na ciência informal, a comunicação é mais intrínseca, voluntária e muitas vezes descontínua, pois é uma função de atividades que ocorrem fora da escola. Em ambos os casos, a comunicação está relacionada ao aprendizado e é mediada pelo engajamento individual ou comunitário, pela necessidade de diálogo constante entre os comunicadores e o público e a necessidade de projetar continuamente novas arquiteturas de interação.

Com base na educomunicação, percebe-se que tem-se possibilidades de redimensionar o espaço escolar, tornando-o aberto e flexível, propiciando a gestão participativa, o ensino e a aprendizagem em um processo colaborativo, no qual professores e alunos trocam informações e experiências entre eles e entre as outras pessoas que atuam no interior da escola, bem como com outros agentes externos. Pois vive-se em um cenário sociocultural que afeta e modifica nossos hábitos, os modos de trabalhar e de aprender, além de introduzir novas necessidades e desafios relacionados à utilização das tecnologias.

Concomitante ao trabalho de revisão da literatura do doutorado, foi realizado um estudo intensivo em LIBRAS como preparação para a pesquisa de campo e posterior intervenção com os surdos. Os cursos de Língua Brasileira de Sinais foram realizados em Universidades e Faculdades do Maranhão, a título de extensão. O contato com intérpretes em grupos de estudo e pesquisa também contribuíram para esta preparação. A pesquisa de campo envolveu entrevistas, análise de surdos no serviço clínico de uma Faculdade e em clínica própria.

Para realização da pesquisa de campo, consideramos o que D'Allonnes et al. (2004) analisam a respeito da pesquisa clínica. Os autores explicam os diferentes momentos de pesquisa, partindo da psicoterapia, mas focalizando-se num momento posterior a ela, na análise do material levantado, o que garante sua diferenciação de uma simples intervenção:

As entrevistas clínicas de pesquisa assim como os outros métodos de coleta de material (observações, grupos etc.) constituem um momento de confrontação das hipóteses do pesquisador com a realidade das situações e das pessoas encontradas. O sujeito entrevistado constitui um interlocutor privilegiado do pesquisador. Na verdade, o roteiro de entrevista que pré-estrutura a conduta da entrevista é a tradução das hipóteses científicas do pesquisador na "língua" na qual a entrevista vai se desenrolar (D'Allonnes et al., 2004, p.46).

Percebe-se que com este procedimento clínico conseguiu-se ter tempo para aprofundar as questões deste projeto, uma vez que há uma diferença entre a linguagem do pesquisador (psicólogo) e do entrevistado. Reafirmamos que tal procedimento é coerente com a área da psicanálise e Freud (1913, p.148) já havia sinalizado para a diferença dos trabalhos nesta área clínica e das outras ciências humanas: "Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem". Portanto, esta pesquisa, seguindo o

parâmetro clínico, procederá de tal forma que possibilite o sujeito analisado elaborar livremente seu discurso. Sendo assim, o pesquisador clínico deve:

[...] prosseguir sua reflexão científica deixando desenvolver o discurso do entrevistado. Ele pode assim escolher não interferir sobre esse desenvolvimento e favorecer a expressão do sujeito ou ainda, por ocasião de retomada ou reformulações que testemunham seu trabalho interior, deixar ao sujeito sua compreensão do discurso que pode ser vivido por ele como uma interpretação. (D'Allonnes et al., 2004, p.46).

O segundo momento da pesquisa clínica, após a intervenção com objetivo psicoterapêutico, é possível analisar o contexto, descrevendo os pontos centrais do atendimento psicológico com os surdos. Os objetivos propostos neste artigo, além de servir de apoio para o momento clínico, também aponta os principais problemas atuais da psicologia clínica para o atendimento dos surdos. Apresenta-se uma crítica fundamentada em relação ao posicionamento da teoria inclusiva de Comunicação Total, que defende que o uso da língua de sinais, da escrita, da oralidade e de qualquer recurso que permita a comunicação pode servir de apoio. Os resultados apontarão um caminho diferente, destacando a concepção do bilinguismo, defendida pelos autores. Assim, a pesquisa clínica consegue se desenvolver em dois sentidos. O primeiro da direção à cura que todo processo terapêutico almeja para o cliente; e na segunda vertente para a compreensão do fenômeno a partir da realização dos objetivos. Para deixar os sujeitos que participaram da pesquisa conscientes dos seus procedimentos e respeitando o código de ética na pesquisa, foi apresentado o termo de consentimento à pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção básica do trabalho psicoterapêutico de “escuta” é confrontada em relação a sua funcionalidade para o trabalho com surdos natissurdos ou com identidade surda. A língua de sinais, como a LIBRAS, por se fundamentar numa perspectiva espaço-visual apresenta as mesmas possibilidades de manifestação da linguagem, que a psicologia e a psicanálise costumam prescindir? As técnicas utilizadas pela psicanálise, por exemplo, como o manejo da transferência e a marcação dos significantes, podem ser aplicadas aos surdos que apresentam problemas psicológicos?

A maior parte dos autores em psicologia e psicanálise que apresentam trabalhos sobre o atendimento com os surdos, o fazem apenas de forma indireta, realizando a análise dos familiares (Marzolla, 2010), verificando a validade de testes psicológicos nesses sujeitos (Cardoso; Capitão, 2007) ou analisando suas condições de acesso ao tratamento psicológico (Casali, 2012).

Há dois autores, Bremm e Bisol (2008), que conduzem um estudo para analisar os discursos de jovens surdos sobre as questões da adolescência, mas apesar de se permitirem a escuta destes sujeitos, utilizaram entrevistas mediadas por um intérprete para chegar aos resultados, o que difere de nosso objetivo de compreender o atendimento clínico dos surdos. O mesmo ocorreu na dissertação de Dalcin (2005, p.54), que optou por realizar um estudo de caso com entrevistas em profundidade e para isso contou com uma intérprete da LIBRAS e um pesquisador surdo que “iriam compor a pesquisa devido à diferença linguístico-cultural entre os sujeitos de pesquisa e a pesquisadora ouvinte, condição necessária devido ao fato de que esta não tinha o domínio da LIBRAS”.

O trabalho internacional mais expressivo encontrado em relação ao atendimento clínico foi do psicanalista francês Virole (2007), mas como o autor trabalhou com a análise de uma criança autista surda, tal particularidade do paciente torna-o demasiadamente específico para servir de base neste artigo.

Em levantamento bibliográfico encontram-se autores que tentaram realizar considerações psicanalíticas acerca do tema, mas sem uma base de pesquisa de campo, tecendo apenas relações conceituais. Somente em Marzolla (2012) encontramos um estudo que partiu da pesquisa clínica dos surdos e seus familiares. Ana Cristina Marzolla partiu de seu trabalho como psicóloga clínica na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (DERDIC/PUC-SP) para desenvolver sua tese “O Pai e seu Filho Surdo: um olhar psicanalítico” em 2010 e lançar um livro sobre o “Atendimento Psicanalítico do Paciente com Surdez” em 2012.

A autora em sua tese desenvolveu apenas o atendimento psicanalítico de orientação *winnicottiana* com os pais das crianças surdas, focando nas suas percepções acerca da relação mãe e criança surda. Mas em seu livro, além do atendimento aos pais, ela relata o atendimento a uma adolescente surda de 13 anos que por conta do tratamento fonoaudiológico, falava, usava a língua de sinais e realizava a leitura labial. Além disso, a psicóloga disponibilizava caneta e papel para o caso de não conseguirem se entenderem pelos outros meios citados. Sobre a forma de atendimento da paciente, a autora expõe:

Luciana já havia feito outras psicoterapias, mas era sua primeira vez com uma psicanalista. Em nosso primeiro contato, mostrou-se, de fato, bastante ansiosa. Eu havia deixado alguns materiais gráficos na mesa que uso para trabalhar com crianças, porém ela se sentou na poltrona usada para o atendimento de adultos como opção ao divã e se pôs a falar. Contou que estava nervosa com a situação conflituosa dos pais e deu exemplos de episódios difíceis que estava vivendo. Falou a sessão inteira (Marzolla, 2012, p.97).

Como se trata de uma adolescente, que morava com a mãe em processo de divórcio, iniciou-se o atendimento com a responsável e só depois a paciente começou a ser analisada, com a acompanhante na sala de espera. Mas, notoriamente, a primeira marca de diferenciação apontada pela autora no atendimento clínico psicanalítico de uma paciente surda foi a impossibilidade de utilização do divã, já que ela precisaria do contato visual mais próximo para realizar a leitura labial.

A psicóloga, apesar da familiaridade com a LIBRAS, desenvolveu a análise através da comunicação oral e este fato se refletiu da seguinte forma:

Os pais de Luciana reataram, ela mudou de escola novamente: dessa vez para um colégio comum que recebia muitos surdos e contava com intérprete da LIBRAS nas salas de aula. No entanto, seu nível de ansiedade continuava elevado. Via de regra, logo que se sentava à minha frente, já disparava a falar. Como mal dirigia os olhos para mim (nem sempre me olhava enquanto falava), era difícil eu fazer intervenções; experiência vivida por mim com vários outros pacientes surdos oralizados, ou seja, que usam a fala como forma principal de comunicação (Marzolla, 2012, p.98).

Esta questão, particular aos sujeitos surdos oralizados, é um dos entraves referentes a psicoterapia que esta pesquisa visa reelaborar. Percebe-se que, em decorrência da psicoterapia desta cliente ter se estabelecido através da fala, a surdez e a omissão da

leitura labial da paciente resultavam na dificuldade do psicoterapeuta em exercer sua intervenção. O exemplo dado no livro nos permite compreender que a fala verborrágica da cliente surda com o desvio de seu olhar da figura do analista tratava-se da manifestação de uma resistência ao processo analítico. Este ponto fica evidente no relato seguinte da autora.

Além disso, outro fator chamava a minha atenção. Era bastante comum que nos momentos em que conseguia detê-la no seu discurso para dizer-lhe algo, ela me deixava falar e depois continuava seu discurso como se tivesse feito apenas uma pausa. Não considerava o que eu lhe havia dito nem que fosse para dizer-me que não concordava comigo. Também não se mostrava brava ou irritada. Simplesmente continuava seu discurso (Mazolla, 2012, p.98).

É importante elucidar que tais manifestações da resistência não são características exclusivas dos surdos, mas são comuns durante o processo psicoterapêutico e o clínico sempre intervém com o objetivo de transpor essas resistências. Entretanto, destaca-se as dificuldades enfrentadas pelo psicólogo e psicanalista frente às nuances de uma análise entre um ouvinte e um não-ouvinte. A autora conseguiu realizar a psicoterapia da paciente, mas teve ao longo de sua experiência que ir adaptando seu método para possibilitar a escuta da paciente. Contudo houve dificuldades:

Para finalizar, quero dizer que, no meu entender, a permissão para o uso dos sinais como um apoio para a fala, o fato de expor minhas dificuldades para entender alguns sinais que Luciana usava, o cuidado em deixar um papel à nossa disposição, enfim, o interesse na interlocução com ela foram de grande importância, pois possibilitaram uma vivência de aceitação de sua condição de surda, situação ressignificada a partir da experiência de poder tomar contato com a falha do outro. Nossas trocas, inclusive o fato de eu expor minhas insuficiências na língua de sinais - tanto para me expressar como para entender -, foram importantes para Luciana redimensionar o valor da audição, como um aspecto importante, sem dúvidas, mas não como condição que garante bem-estar psíquico e confere poderes extraordinários ao ser humano (Mazolla, 2012, p.102).

Foi importante analisar o atendimento publicado pela Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Marzolla da PUC-SP, por se tratar de um dos únicos casos relatados em literatura científica nacional acerca da psicanálise e surdez com base na pesquisa-escuta.

Primeiramente, destaca-se que se realizaria uma mudança mais benéfica no processo psicoterapêutico se o atendimento fosse realizado integralmente em LIBRAS. Na concepção da autora surda Karin Strobel, em seu livro sobre a cultura surda, percebe-se o significado cultural da língua de sinais e assinala-se que só é possível chegar a compreender verdadeiramente estes clientes respeitando sua forma de expressão. A autora afirma que a LIBRAS é mais natural ao sujeito surdo, promovendo sua identidade em relação ao pertencimento a esta cultura, tão forte que há até mesmo um novo “batismo” quando o sujeito aprende LIBRAS:

O povo surdo é alegre. Talvez porque tenha havido muito sofrimento em sua infância. Eles têm prazer em se comunicar e se alegram sempre. Em um pátio de recreação ou em um restaurante, um grupo de surdos que falam é algo incrivelmente vivo. Falamos, falamos, exprimimo-nos às vezes durante horas. Como se tivéssemos uma sede inesgotável de dizer as coisas, das mais superficiais às mais sérias. Os surdos teriam me chamado de “Flor que chora”, caso eu não tivesse tido acesso à sua comunidade linguística. A partir dos sete anos tornei-me

falante e luminosa. A língua de sinais era minha luz, meu sol, não pararia mais de me exprimir, aquilo saía, saía, como uma grande abertura em direção à luz. Não conseguia mais parar de falar com as pessoas. Tornei-me “O sol que vem do coração”. Era um belo sinal (Laborrit *apud* Strobel, 2009, p.37).

Durante a pesquisa de doutorado, uma das entrevistas de destaque foi com a cliente nomeada como “Karla”. Ela apresenta, como já era evidente, que a estrutura de composição de frases na língua de sinais é diferente da estrutura em português, mencionando este como um fator dificultador para que as pessoas a entendam. No caso de Karla, a surdez profunda se deu depois do nascimento, mas desde cedo aprendeu a LIBRAS, pois já tinha o diagnóstico de perda gradual da audição por conta da gravidez complicada de sua mãe. Destaca-se trechos da entrevista inicial, enfatizando a queixa da dificuldade de comunicação em suas relações interpessoais, mas com um conteúdo que ela preferiu não adentrar. No seu caso a surdez profunda só veio aos 22 anos, depois de ter sido espancada por um grupo de *skinheads* no sul do país e em seu discurso é marcante a falta que faz a comunicação:

Mas quem realmente sabia LIBRAS de todos os familiares, eram meus dois tios que tinham a minha prima que era surda e eu, mas o resto não, tinham os gestos, se Hana [a tia] não tiver por perto, como é que a gente se comunica? Aí chegava a hora do almoço e faziam só os gestos, né? Botavam a comida pra mim e pra ela, ah tudo bem, aí se ela não queria, se ela queria muito ou se ela queria pouco, era complicado. [...] por isso que quando a gente encontra alguém é ... Fulano, ele sabe se comunicar comigo, pelo menos ele tentou, a gente fica tão feliz. Sabe por que o surdo rir tanto quando encontra outro surdo? Nós temos meio que um radar, incrivelmente a gente sabe onde tem uma pessoa que também é e a pergunta vem: nossa, vocês se conhecem há quanto tempo? E nós: Há uma hora (risos), porque não sabem a dificuldade para encontrar outro (Halabe, 2018, p.82).

Em relação ao caso de Karla, percebe-se que essa necessidade de se comunicar está bem explícita. Inclusive a entrevista foi marcada por uma grande quantidade de sinalizações, muitos assuntos foram abordados e foi difícil manter o roteiro das entrevistas.

No Brasil, a professora Dr.<sup>a</sup> Karin Strobel, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), utiliza vários relatos de experiências visuais dos surdos para demonstrar como a LIBRAS é um artefato cultural importante para a comunidade surda. Outra autora surda que faz referência a sua experiência com a língua de sinais é a atriz francesa Emmanuelle Laborit, a qual Strobel faz referência:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas (Laborrit *apud* Strobel, 2009, p.56).

Com o relato desta autora pretende-se demonstrar a importância da língua de sinais para os sujeitos surdos e apresentar o trabalho que será realizado com esta pesquisa, de oferecer um lugar de acolhimento destes discursos em sua verdadeira forma, tentando compreendê-los. Para o sujeito surdo oralizar e fazer leitura labial em análise é como

tentar falar de complexos sentimentos em outro idioma e dificultam o surgimento das associações necessárias para o processo psicoterapêuticos. Para dar conta desta tarefa, cabe ao psicólogo clínico conhecer mais da cultura surda, principalmente partilhando de sua língua.

## CONCLUSÃO

Realizando um levantamento sobre o que havia de produção entre psicologia clínica e surdez, percebe-se que pouco se avançou na direção do que foi proposto em trabalhos anteriores (Halabe, 2018), ou seja, uma proposta de atendimento psicológico em LIBRAS. Um novo levantamento da literatura do tema foi realizado posteriormente confirmando esta posição (Halaba; Lacerda; Alves, 2021)

A proposta apresentada neste artigo foi analisar o posicionamento da psicologia clínica em relação aos indivíduos que por conta da surdez necessitam da língua brasileira de sinais (LIBRAS) para se comunicarem. No processo de "escuta" clínica existem dificuldades para o tratamento psicoterapêutico quando o cliente surdo é convocado a realizar a falar e fazer a leitura orofacial para se comunicar.

Ao descrever os depoimentos de surdos que afirmam ser a língua de sinais a forma mais natural de expressarem seu mundo interno, pelos surdos não terem acesso facilitado à cultura dos falantes, destaca-se que os surdos acabam formando subgrupos, apenas com as pessoas que compreendem a sua linguagem, não encontrando auxílio psicológico especializado.

É importante destacar as variações na estrutura conceitual e metodológica da psicologia clínica que devem ocorrer para o atendimento desses pacientes a partir da ideia de que a língua de sinais, apesar de carecer de expressão fonética, apresenta características que permitem a inserção dos surdos na cultura.

Concluindo, indica-se a defesa dos bens materiais e imateriais construídos pela cultura surda, a partir do que poderíamos chamar de bilinguismo. Isto significa não aceitar que se façam arranjos em termos de inclusão dos surdos, como propõe o movimento de Comunicação Total. Também significa explicitamente, que este artigo defende que os psicólogos devem aprender a LIBRAS para atender os surdos e não levar o intérprete para dentro do *setting* terapêutico ou utilizar-se de arranjos como uma análise mediada pela escrita.

Esta posição implica, então, resgatar os elementos primordiais da psicologia clínica e analisá-los em relação à possibilidade de sua utilização por meio da língua de sinais. Busca-se demonstrar que é possível uma clínica da surdez, quando o analista conhece a língua de sinais e a cultura surda. Almeja-se trazer à psicologia clínica nos próximos anos, através do projeto de atendimento psicológico em LIBRAS, os ricos discursos destes sujeitos que gesticulam para se expressar e que não tem encontrado no psicanalista uma "escuta" para seus desejos.

## REFERÊNCIAS

BREMM, Eduardo Scarantti; BISOL, Cláudia Alquati. Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos. *Psicol. cienc. prof.*, 2008, vol.28, no.2, p.272-287.

APORALI, Sueli Aparecida. DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, Aug. 2005.

CARDOSO, Lucila Moraes; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. **Psico-USF**, 2007, vol.12, n.2, pp. 135-144.

CASALI, Débora. **O atendimento psicológico ao surdo usuário de LIBRAS no município de Itajaí - SC**. Dissertação de Mestrado: Universidade do Vale do Itajaí, 2012.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa; NAFFAH NETO, Alfredo. A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. **ALTER - Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 30, n.1, p.33-50, jun. 2012.

D'ALLONNES, Claude Revault et al. **Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documentos, métodos, problemas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

DAVIS, H.; SILVERMAN, S.R. **Hearing and deafness**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978.

FREUD, S. (1893). **Anna O**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1913). **Artigos sobre a técnica**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

HALABE, Dannilo Jorge Escorcio. **A psicanálise realizada em LIBRAS**. São Paulo: PUC-SP, 2018. (Tese de doutorado).

HALABE, Dannilo Jorge Escorcio; LACERDA, Eliza Maria da Costa Brito; ALVES, Cândida Helena Lopes. Including Deafs in Clinical Psychology. **International Journal of Psychology and Neuroscience**, v. 7, n. 2, p. 21-32, 2021

JORGE, Marco A. Coutinho. FERREIRA, Nádia P. Lacan: **O Grande Freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LABORRIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota: biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês**. 2 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIMONGI, S. C. O. **Fonoaudiologia informação para formação - Linguagem: Desenvolvimento normal, alterações e distúrbios**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8. ed. Barueri [SP]: Atlas, 2022.

MARZOLLA, Ana Cristina. **Atendimento psicanalítico do paciente com surdez**. São Paulo: Zagodoni, 2012.

MARZOLLA, Ana Cristina. **O pai e seu filho surdo**. Tese de doutorado: PUC-SP, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIROLE, B. **Psychanalyse d'un enfant sourd**. 2007. Disponível em:< virole.pagesperso-orange.fr/Psyenf.pdf>. Acesso em: 06 ago 2013.

**Autor correspondente:**

Dannilo Jorge Escorcio Halabe

E-mail: [dannilo.halabe@edufor.edu.br](mailto:dannilo.halabe@edufor.edu.br)

**Conflitos de interesse:**

Não há.